

RELAÇÕES ECOLÓGICAS E SERES FANTÁSTICOS

*Joana Aparecida Fernandes Silva**

Neste artigo, analisam-se as representações de um grupo de camponeses – os mimosanos – que vive no distrito de Mimoso, no município de Santo Antonio de Leverger, estado de Mato Grosso, sobre o espaço em que vivem, mais especificamente, a maneira como eles pensam esse espaço como um lugar povoado por categorias de seres diferenciados dos seres humanos no que diz respeito à forma que os caracteriza, aos locais que circulam e aos poderes de que dispõem: os seres fantásticos (lobisomens, mula-sem-cabeça e outros), as assombrações e animais domésticos. Os seres fantásticos disciplinam horários, bem como a passagem e a permanência de seres humanos em determinados locais e as categorias espaço-temporais orientam suas ações.

É possível perceber que estes seres fantásticos formam um sistema coerente de idéias e, em decorrência de povoarem espaços liminares entre a natureza e a cultura, permitem uma mediação entre estes dois domínios, impedindo uma passagem conceitual brusca entre em e outro. Todos estes seres, frutos de transgressões, guardam em si a ambigüidade, uma vez que encerram características animais e humanas e são, além disso, “exemplos” das conseqüências de comportamentos anti-sociais ou não humanos.

Gostaria de pensar o homem como parte da natureza (no sentido biológico), porém interferindo, selecionando elementos úteis em um universo de possibilidades, modificando, criando e, principalmente, atribuindo significados. Neste sentido, natureza e ambiente são resultantes de uma leitura realizada pelas lentes da cultura de um determinado grupo social e não um dado em si. O espaço também está pensado como representação

* Professora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso e doutora em Antropologia Social na Universidade de São Paulo.

social, de acordo com a definição estabelecida por Durkheim¹. Para este autor, o espaço e o tempo apenas existem a partir das representações sociais ou das categorias engendradas socialmente, que permitem que estes elementos passem a ter uma significação que recebe uma inteligibilidade compartilhada por uma sociedade.

Gostaria de sugerir que os seres sobrenaturais, ou fantásticos, podem ser traduzidos como uma categoria liminar de seres, que permitem uma interpretação da transição entre a natureza e cultura, uma vez que são antropomórficos e compartilham características animais e humanas, concentrando em si esses dois “territórios” do pensamento humano: ambiente e cultura. Por outro lado, os animais domésticos – cães, gatos, vacas e cavalos – recebem uma interpretação que lhes atribui significados outros, que extrapolam seu sentido de animais úteis e auxiliares e/ou companheiros dos homens. Estes significados simbólicos conferem a estes animais capacidades relacionadas ao sobrenatural ou, então, a um tipo de sensibilidade que lhes permite detectar a presença das assombrações com muito mais facilidade que os homens.

Pertencentes ao domínio particular da cultura e como que apropriados para conviver com os seres humanos, os animais domésticos são arrancados do domínio da cultura e pensados como possuidores de certos poderes e de uma “visão aberta”, vedada à maior parte dos homens; as assombrações, anteriormente pertencentes ao reino dos vivos, compartilham com eles um novo *status* – o de seres que interferem na vida comum e têm poderes particulares; os seres fantásticos compartilham formas humanas e animais, perambulam em locais e horas próprias e destinadas a eles.

Neste mundo em que o “natural” é imbuído tanto de significados simbólicos, que extrapolam seu sentido prático, como de potências, que podem ser ameaçadoras e disciplinadoras, o homem, quando ainda vivo, é o mais impotente e despreparado entre todas as outras criaturas, deste ou de outro mundo.

1 Emile Durkheim, *Formas elementares de vida religiosa* (513-521), São Paulo, Abril, 1973 (Col. Os Pensadores).

Os seres fantásticos e as relações ecológicas

No princípio era tudo escuro

Os mimoseanos sabem que descendem de Joaquina Gomes, a quem pertenceu originalmente a sesmaria de Morro Redondo, porém escolheram como demiurgo o general Cândido Rondon, personagem com destaque nacional, principalmente regional, que nasceu e viveu em Mimoso até por volta dos 12 anos. Diz a lenda que

ele nasceu embaixo de uma árvore; diz ainda que foi tão pobre que ia na escola vestindo camisas feitas com pano de saco. Com 18 anos, foi morar no Rio [de Janeiro]. Quando chegou lá, já foi ensinando professor. Ele era muito inteligente.

Para salientar sua inteligência, eles recorrem aos episódios em que, com o conhecimento, ele conseguia se salvar do perigo:

Quando foi trabalhar com os índios, chegou numa tribo e todo mundo se preparou para flechar o marechal. Aí ele falou na língua e os índios ficaram mansos na hora. Aí já sentou todo mundo no chão, conversando, ele deu cigarro para os índios e eles ficaram amigos. Aí começou a vida de Rondon. Aí começou sua grandeza.

O temperamento e a firmeza de caráter, um dos traços que o distingue, são sempre lembrados, em Mimoso e em outros lugares também:

Ele era um homem terrível. Os mais velhos sabem. Se quatro homens estavam subindo um poste e não agüentavam, ele tirava um; e os três que ficavam tinham que dar conta. E davam.

A inteligência, uma marca do Marechal, é lembrada neste relato do mito, embora mostre um “pouco” cruamente a maneira como o demiurgo se relacionava com os índios:

O marechal quando chegava na beirada de um rio e tinha que atravessar, mandava um índio bravo pular dentro d'água. Se o índio voltasse, eles atravessavam o rio. Se não voltasse, então a equipe parava e fazia canoa para cruzar o rio.

Como a memória mítica dos mimoseanos aponta para Rondon como o Doador das terras de Mimoso, eles dizem que a disciplina, as formas de casamento e de disposição das terras foram prescritas por ele.

Rondon que deu as terras para os mimoseanos. Até a quarta geração dele deveria viver aqui.

Ele deu as terras e falou: não deixa entrar gente de fora. Mandou que a gente se casasse só com gente daqui. Ele que pagava as taxas.

[Variante] Ele deu as terras pra nós e falou: se casa só entre vocês, nem que seja irmão com irmã, mas não mistura.

Este é o texto de referência para os mimoseanos legitimarem o direito ao acesso às terras de Mimoso e para justificarem sua pouca simpatia com migrantes.²

Os moradores de Mimoso não gostam de falar de seus mitos. Sempre respondem, quando perguntados a respeito, que eles não acreditam que existam seres da natureza do minhocão, da mãe d'água ou do lobisomem. Afirmam apenas que ouviram falar, que “eu mesmo não vi nada, nunca”, ou “isso é coisa dos antigos”; no entanto, aos poucos, nas conversas, aparecem as descrições e citações dos seres fantásticos.

Entre eles, um porco fantástico ou, talvez, melhor dizendo, fantasmagórico, aparece em um determinado trecho de uma estradinha interna. Diz-se que ele é muito grande e perigoso. De preferência, as pessoas devem evitar tal itinerário quando é noite, por medida de segurança. À noite também, mas sempre na lua cheia, aparece o lobisomem; os moradores sabem quem sofre essa transformação, mas em dias de lua “normal” ele é uma pessoa “quase” comum.

As baías talvez forneçam a maior quantidade de seres fantásticos e perigosos aos seres humanos. A baía de Chacororé, todos afirmam, em dias de muita ventania levanta ondas de até dois metros de altura, que viram com facilidade os pequenos barcos de pescadores. Esposas e mães se angustiam com gente sua pescando nas baías, porque dizem elas ser muito perigoso. Nestes momentos de tensão, menciona-se que ao entardecer, na Baía da Sinhá Mariana, um grupo de músicos, que morreu afogado quando ia animar um casamento em Mimoso, toca e canta, encantando os que estão pescando ou simplesmente passando pelo local. A Baía de Chacororé, que na época das cheias

2 É interessante notar que os mitos a respeito de Rondon são muito recorrentes na região de Cuiabá, e mesmo entre os mato-grossenses de maneira geral. Ele é uma espécie de herói local, muito valorizado. Machado, que estudou os paresi que trabalharam na comissão de instalação das linhas telegráficas, observou que Rondon também foi elevado ao *status* de uma espécie de ordenador do mundo paresi que então conhecia o caos através da penetração das frentes de expansão em seu território.

se junta com a de Mariana, aparenta ser um mar, de tão ampla. É ela que esconde os maiores perigos; suas traiçoeiras ondas são provocadas pelos seres fantásticos que vivem em suas águas turvas.³

Alguns mitos são recorrentes em outra regiões – lobisomem e o minhocão –, por exemplo. Porém, importa saber porque uma população permeia seu imaginário com seres fantásticos que povoam seus espaços vitais e, possivelmente, disciplina suas atitudes, atividades e mesmo horários. É importante notar que a energia elétrica em Mimoso chegou recentemente; a noite no Pantanal pode ser um espetáculo impressionante, principalmente se for sem lua: a solidão humana, o imenso espaço das áreas alagáveis ou alagadas, o ruído de milhares de animais que lá vivem, o grande céu aberto são fatores que podem provocar a imaginação e... assustar.

Pode-se pensar que os seres sobrenaturais fazem a mediação entre natureza e cultura – são intermediários entre um e outro – e apresentam características de um e de outro. Os espaços em que são visualizados são também espaços intermediários – estradas, bocainas, pastagens – que sofrem a ação ou a presença humana, mas que não têm a característica de serem “puramente” culturais, tal como é o cercado, ou seja, a área não alagável ao pé dos morros.

O espaço da natureza e os espaços da cultura também são mediados por espaços liminares. Supõe-se que os espaços da natureza sejam ocupados por animais silvestres – que, aparentemente, apenas são caçados quando invadem os espaços humanos, tais como roças, e se excedem na devastação das mesmas ou quando atacam animais domésticos, como é o caso de onças. O espaço mais reservado ao ser humano é o interior da casa, e os quintais e cercados podem ser compartilhados por animais domésticos – galinhas, cães, gatos, porcos, gado, cavalos –, enquanto as pastagens, que são destinadas ao uso do gado, são divididas com porcos e galinhas e, usualmente, são invadidas por animais selvagens – jacarés, aves, onças, pacas, cobras, etc, são manejadas, cuidadas e palmilhadas pelos seres humanos. Esses espaços, em conjunto com as roças, são fronteiros com as regiões pouco visitadas pelos homens e habitadas pelos animais selvagens.

3 Os mitos referentes às baías próximas a Mimoso foram magistralmente estudados por Mario Cezar Silva Leite em *Águas encantadas...*

Os espaços ocupados pelos mediadores entre a natureza e a cultura são liminares, mas não apenas; os horários em que os seres sobrenaturais aparecem também são liminares. O lobisomem aparece na segunda ou na sexta-feira, limites dos dias normais da semana, à meia-noite, limite entre o dia e a noite; os seres encantados que aparecem nas baías, também espaços liminares – água, mas não rio–, freqüentadas apenas por pescadores, animais e povoadas por peixes, são entrevistados nos finais de tarde ou noite afora, quando se espera que os seres humanos não estejam perambulando.

Outro detalhe importante é perceber que as formas, na maioria dos seres sobrenaturais, guardam características da morfologia animal, mas todas têm algo de humano ou relacionado ao ser humano.

O lobisomem, metade lobo e metade homem, é o resultado de uma transformação temporária de um homem em lobo.⁴ Ele é descrito como um

cachorrão que anda de traseiro levantado e de cabeça baixa. É um cachorrão e os cachorros vão atrás. De segunda e de sexta-feira não é dia de andar que é dia de lobisomem. Morde a gente, a pessoa que ele morder vira lobisomem. (dona Tonica, agosto de 1996)

O pé de garrafa também foi registrado por Thieblot⁵, que o encontrou em Mato Grosso entre os poaieiros; o Pé de Garrafa também é um humano modificado:

Ele tem o pé sem dedo e é redondo. Aparece e dá medo pra gente. Principalmente para criança que ele gosta de aparecer; pra dar medo. Igual uma criança, negrinho. Só tem um pé. Diz que ri, mostra brinquedinho na mão. Vive nas locas de pedra, nos morros. Não deixa criança sozinho na beira do mato. É pretinho de olha branquinho, volta assustado e contando pra mãe. Isso é coisa dos antigos. (Idem)

Várias pessoas que se referiram ao pé de garrafa contaram que ele costuma “pôr medo” nas crianças para que não andem pelo mato ou pelas bocainas (vales) dos morros sozinhas. “*Olha que o pé de garrafa te leva*”, é o que geralmente dizem⁶.

4 O lobisomem, de acordo com Luis da Câmara Cascudo, “é um mito universal, registrado por Plínio o Antigo, Heródoto, Pompônio Mela, Santo Agostinho... são filhos de compadre e comadre, ou padrinho e afilhada... (ou) é o filho que nasceu depois de uma série de sete filhas... (ou) pelo incesto...” (Luis da Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 5 ed., Belo Horizonte, Ed. Itaitiaia, 1984, pp. 441 e 442).

5 Marcel Jules Thieblot, *Poaia, Ipeca, Ipecacuanha*, Editora Livramento, 1924.

6 Cascudo refere-se a um mito similar ao pé-de-garrafa, encontrado entre os bascos, ao passo que no Brasil

Já o saci-pererê não causa medo, mas faz muitas estripulias, apagando luzes, espantando o gado⁷.

Ele é um negrinho bem pretinho e olho branco. É muito levado. Faz muita micagem, gosta de fazer traquizeza. (Idem)

A porca que aparece à noite, em determinados caminhos, e persegue principalmente os homens bêbados, é a representação de mulheres que provocaram aborto e, como castigo, viraram porcas,⁸

É porca que urra. corre atrás urrando. Na hora do tiro ela some, depois aparece. Sabe o que é isso? É mulher que não quer ter filho e essas pessoas vira essa porca. Enleia no pano e a mulher que matou o filho (na hora que nasceu) ou abortou, vira monstro. (Idem)

Outro ser com atributos sobrenaturais, a mula-sem-cabeça, consiste em uma mula que corre, à noite, fazendo muito barulho pelas pastagens e assustando as pessoas: “Mula sem cabeça, só o corpo, não tem cabeça – vai correndo, não tem cabeça, rinchando. Deve ser alguma coisa também... fica atentando, aparecendo” (idem).

seria um mito antigo, quase desaparecido. “Sabem tratar-se do Pé-de-Garrafa, porque este deixa sua passagem assinalada por um rastro redondo, profundo, lembrando perfeitamente um fundo de garrafa. Pé-de-Garrafa, Pé-de-Quenga, o pé contorço, pé arredondado, é índice demoníaco. Mãos em garra e pés redondos são “constante” do senhor diabo. (Gustavo Barroso em Cascudo, op. cit., p. 595)

- 7 O saci-pererê, entidade maléfica em muitas, graciosa e zombeteira noutras oportunidades, comum nos estados do sul. Pequeno negrinho, com uma só perna, carapuça vermelha na cabeça... amigo de fumar cachimbo, de entrançar as crinas dos animais, depois de extenuá-los em correrias, durante a noite anuncia-se pelo assobio persistente e misterioso... o neguinho buliçoso, visível ou invisível, trocando de todos, aparece no folclore português (idem, p. 686).
- 8 O mito da porca, encontrada em Mimoso, é também relatada por Câmara Cascudo, que refere-se a ela como “uma superstição do Brasil Meridional e central, de origem portuguesa... A porca dos sete leitões. Essa gosta mais de vivê rondando igreja na vila e as cruéis da estrada c’oa leitoada chorando atrás. – É má? Cumo quê... Inté que não... interrompeu a Cristina. Essa sombração é muito boa; só pressegue os home casado que vem fora de hora pra casa... (Conversas ao Pé do Fogo, 156, S.P., 1927)”. E “Precisa-se a cidade de Itu como zona de conforto para a visagem... Steinen encontrou-a em Cuiabá... trata-se, então, sempre da alma duma mulher que pecou contra o filho nasciturno. Quantos forem os abortos, tanto serão os leitões...” (idem, p. 627). De acordo com Cascudo (op cit, p. 627), o mito da porca com os sete leitões também é encontrado na França.

Embora não mencionado, a mula-sem-cabeça, popularmente, é “a mulher do padre”, isto é, alguém que se apaixonou por um padre. Também um ser humano transformado. Talvez este elemento não tenha vindo à tona porque, como em Mimoso não há padre, este dado não guarde maior importância⁹.

O boitatá é identificado com o fogo fátuo:

é um fogo na seca; vermelho, azul, sobe no céu, desce; anda prá lá, anda pra cá. Tem hora tá longe, tem hora tá no meio do campo. (Idem)

O fenômeno de ocorrência de fogo em pastagens, descrito comumente no Pantanal, é explicado por cientistas como a liberação de gases provenientes da decomposição de cadáveres de animais que entram em combustão ao contato com o ar. Porém, os moradores pantaneiros não concordam com esta interpretação.

Outras entidades, com características diferentes destas, designadas genericamente como “assombrações”, também ocorrem com frequência, causando medo e evitando determinados tipos de ação. Passar no cemitério à noite pode ser perigoso em decorrência das almas dos que foram recentemente enterrados e que podem ficar rondando os caminhos em frente ao portão. Visitar casas de pessoas que faleceram também pode ser perigoso, porque essas almas podem aparecer e assustar, mesmo que não seja por maldade.

E ainda,

nos vãos de bocaina, corre grito [ao]. meio-dia. Tuda bocaina tem um negócio assombrado. Só na chuva quando corre água que não. No morro, joga pedra em que passa lá embaixo. Cai cada pedrona e só vê na hora que tá perto. Assombraçõ. (Dona Tonica, junho de 1996)

⁹ Cascudo (idem, p. 510) diz que a “Mula Anima”, “Alma Mula” ou “Mula sin Cabeza” são também conhecidas no México e na Argentina. Nesta mesma referência (o *Dicionário do Folclore Brasileiro*) o boitatá e o pé-de-garrafa estão registrados. O primeiro mito, muito generalizado no Brasil, foi registrado na França, Alemanha, e também na Argentina, Uruguai, Portugal, Antilhas, etc, com versões muito semelhantes (Cascudo, idem, pp. 131-132). “Baitatá, Batatá, no Centro-Sul, Biatatá na Bahia, Batatal em Minas Gerais, Bitatá em São Paulo...: de mboi, cobra ou mboi o agente, a coisa, e tatá, fogo, a cobra de fogo, o fogo da cobra... um dos primeiros mitos registrados no Brasil (por José de Anchieta)... O Boitatá é para todo o Brasil, o fogo fátuo, correspondendo à ronda-dos-Lutinos, na França, Flandres, a Inlicht, a luz louca da Alemanha, onde minúsculos anões correm com archotes (Cascudo, idem, pp. 131-132).

As “almas d’outro mundo” são, em geral, humanos transformados e, com exceção das bocainas, freqüentam os mesmos espaços da cultura. Nesta categoria incluem-se almas de pessoas que foram brutalmente assassinadas e passam a “assombrar” os locais onde foram executadas, assustando os que passam. Geralmente, estes locais são evitados, principalmente durante a noite. A exemplo dos seres fantásticos, essas almas que perambulam, ou as que estão presas ao local de suplício, são materializáveis perante os seres humanos. Por isto aterrorizam e provocam determinados comportamentos, com o objetivo de serem evitadas. As “almas do outro mundo” circulam por este, são uma transformação dos “viventes”, com a diferença de que nem sempre são visíveis, ao contrário dos seres fantásticos.

Em algumas histórias contadas pelos mimoseanos, as “almas do outro mundo” não apenas assombram, mas também atacam violentamente, em geral com chicotes, quem passa perto delas. Como exemplo, um homem que insistiu em passar em um lugar em que encontrou

um pretão, mais preto mesmo. Ele não tinha cabeça, só o olho de fogo. O fulano insistiu: – Deixa eu passar, eu quero passar! Ele respondeu: – “Aqui é meu morada. Você não respeita meu morada. Você não pediu licença para passar em roda do poço. Eu sou o dono do poço. E ele bateu tanto no homem, que ele vomitava posta de sangue. Você não respeita hora morta”¹⁰. (Seu Donato)

Um ingrediente recomendado para estas ocasiões em que alguém anda em locais liminares, em horas mortas ou desapropriadas, é o respeito e o pedido de licença, já que trata-se de invasão de espaço da cultura e dos horários em que os humanos, legitimamente, e sem perigo, podem caminhar.

Um dia dona, quando nasceu nosso segundo menino, eu estava com pressa de chegar em casa para ficar com a mulher. Naquele tempo campo já estava cheio e cavalo andava com água até na barriga. Eu vinha vindo e de repente o cavalo parou. Sentou e eu fustiguei ele com o chicote e nada dele andar. Bati nele e ele empacado. Aí pensei, aí tem alma. Aí senti ele respirar. E ele não queria me deixar passar, dona. Aí expliquei: – Olha, com todo respeito, não sei se é o senhor, ou a senhora. Mas eu sou homem de bem, sou trabalhador, não sou de encostar na porta de ninguém e nem de fazer mal também. O senhor me deixa passar, que meu mulher teve filho, e ele está lá sozinho. Eu preciso voltar para minha casa. Meus criança está lá. Já está quase de noite – era hora

10 Horas mortas são também liminares: meio-dia, meia-noite, seis horas da manhã e seis horas da tarde, “hora que temos que respeitar”, de acordo com dona Maria.

lusqui-fusqui – e eu não posso deixar minha mulher sozinha. Me deixa eu passar. Olha, meu cabelo estava arrepiado, que meu chapéu ficou lá em cima. Quando o cavalo sentou, eu pôs a faca na boca – alma não gosta de faca atravessado na boca...!

Passou um pouco e eu ovi aquele barulho – ploc, ploc – como se fosse cavalo que anda com aquele coisa no pé na cidade (ferradura) e calculei que andou uns vinte metros. O cavalo disparou uns dois quilômetros. Corria que nem doido... cheguei em casa e não quis assustar a mulher e não contei nada. Quando foi lá pelas dez horas, bateram na porta. – “Compadre, o senhor passou lá em tal lugar? – Passei, respondi. E não aconteceu nada? – Nada, eu falei, não queria assustar a Maria. – Pois, é, contou meu compadre. O seu “fulano” e o seu “siclano” passaram lá, e apanharam tanto de uma alma, que ficaram jogado no chão, sangrando. – Não respeitou. Ele não deixou passar. (Seu Donato)

É interessante que as sucuris, mesmo que não pensadas como seres sobrenaturais, também são fontes de muitas histórias. As conversas sobre sucuris, em geral, são as que servem de preâmbulo para os temas relativos ao sobrenatural. É quase como se a sucuri fosse um animal intermediário entre os da terra e as “almas do outro mundo”. Quando se reportam a ela é comum dizerem “falam que ele não morre, mas isso é besteira, morre sim”.

Duvignaud¹¹ observa que as figuras aterrorizantes e imaginárias estão dispersas em um vasto território e são encontráveis em diferentes culturas, porém “estes instrumentos de apavoramento não derivam de crenças ou mentalidades idênticas”.

É importante notar que estes mitos encontrados em Mimoso ocorrem em outras regiões do país e poderiam ser pensados como parte de uma cultura mais abrangente, mais nacional. O que parece ser interessante é observar como espaços “naturais”, uma vez povoados, tornam-se ameaçadores e adquirem características mediadoras de espaços considerados não humanos.

Os espaços liminares são quase humanos, povoados por quase animais – que escondem meio homens; à noite, quando preferencialmente aparecem, é o contrário do dia, em que animais e homens “normais” perambulam.

Rondon, como um ser humano que foi mitificado, recebeu um conjunto de significações que o tirou do território da humanidade e o recolocou no da sobrenaturalidade. Como a utilização do espaço em Mimoso foi sempre chancelada pelo parentesco com ele e os direitos ao uso das terras foram ditados por ele, em conjunto com os demais, o mito de Rondon forma um único conjunto de elementos. Estes elementos são apa-

11 Emile Durkheim, *Formas elementares de vida religiosa* (513-521), São Paulo, Abril, 1973 (Col. Os Pensadores), p. 2.

rentemente díspares, mas têm características comuns: os seres fantásticos formados pela junção de elementos humanos e animais dão como resultado os seres sobrenaturais; com a transformação de Rondon, temos ingredientes distintos mas um resultado parecido: humano + ser mítico = sobrenatural. Não um sobrenatural qualquer, mas um personagem que orchestra os demais, na medida em que, no fundo, ele é o grande organizador da ocupação do ambiente e os demais, apenas elementos subordinados.